

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v15i25.645>

ENTREVISTA

Entrevista de Sérgio Figueiredo Ferretti concedida a Marilande Martins Abreu¹ e Antonielton Vieira da Silva², em 24 de março de 2018.

Este Dossiê “Memória, Desigualdade e Políticas Culturais” se conecta diretamente à XVIII Fábrica de Ideias, realizada em São Luís entre 18 e 31 de março de 2017, e coordenada, a partir do Maranhão, por Sérgio Figueiredo Ferretti (1937-2018), que falecera em 23 de maio de 2018, dois meses depois de conceder esta entrevista. Era Graduado em História (UB-UFRJ/1962) e Museologia (MHN/UNIRIO/1962), Especialista em Sociologia do Desenvolvimento (UCL Bélgica, 1964/66), Mestre em Ciências Sociais/Antropologia (UFRN/1983) e Doutor em Antropologia Social (USP/1991). Professor Emérito da Universidade Federal do Maranhão e Bolsista de Produtividade do CNPq, Sérgio Ferretti pesquisou religiões de matriz africana e manifestações da cultura popular e negra durante mais de 40 anos no Estado do Maranhão, e formou muitas gerações de pesquisadores dedicados ao estudo de expressões da cultura e da religião, e da luta por igualdade e inclusão social e cultural, sendo vasta sua produção acadêmica.³

¹ Professora do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão, e Doutora em Ciências Sociais pela UNICAMP, onde defendeu a tese "Sacrifício ritual, laços sociais e a sexualidade", na qual aborda as relações entre interdição sexual e laços sociais. Atualmente, pesquisa o terreiro de *São Benedito/Justino*, fundado no século XIX e até os dias atuais localizado na Vila Embratel, bairro de São Luís. É tutora do Programa de Educação Tutorial (Ciências Sociais/UFMA) e Membro da Comissão Maranhense de Folclore (CMF).

² Antonielton Vieira da Silva é discente do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão/UFMA e bolsista do Programa de Educação Tutorial (Ciências Sociais/UFMA).

³ FERRETTI, Sérgio F. *Repensando o Sincretismo*. São Paulo: Edusp/Arché, 2013; FERRETTI, Sérgio F. *Museus Afrodigitais e Políticas Patrimonial*. São Luís: EDUFMA, 2012; FERRETTI, Sérgio F. *Querebentã de Zomadônu. Eetenografia da Casa das Minas*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2009; FERRETTI, Sérgio F. *Tambor de Crioula: Ritual e Espetáculo*. 3ª. Ed. São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2002. FERRETTI, Sérgio F. *Reeducando o Olhar: Estudos sobre Feiras e Mercados*. São Luís: UFMA/PROIN-CS, 2000. FERRETTI, Sérgio F. *Repensando o Sincretismo*. São Paulo/ São Luís: EDUSP/FAPEMA, 1995. FERRETTI, Sérgio F. *Querebentã de Zomadonu. Etnografia da Casa das Minas*. São Luís: EDUFMA, 1985. FERRETTI, Sérgio F.; CÉCIO, V; MORAES, J.; LIMA, R. (Orgs.) . *Tambor de Crioula*. Rio de Janeiro: INF/FUNARTE, 1981; FERRETTI, Sérgio F.; VALDELINO, C.; MORAES, J. (Orgs.) *Dança do Lelê*. Rio de Janeiro: MEC/DAC/FUNARTE/CDFB, 1978.

OT: O senhor poderia iniciar falando da sua entrada no campo dos estudos das práticas religiosas de matriz africana e cultura popular, em São Luís, Maranhão?

Sérgio Ferretti – Eu cheguei aqui em São Luís, no fim dos anos 1960. Eu já tinha passado no começo dos anos 1960 uma temporada por aqui, um ano, depois saí e voltei. E voltei vinculado a UFMA, Universidade Federal do Maranhão; e a UEMA, Universidade Estadual do Maranhão. No começo eu estava muito envolvido com as atividades administrativas das universidades e com aulas, eu tinha interesse em realizar pesquisas nas áreas de cultura popular e religião. Aos poucos começamos a trabalhar nisso. No ano de 1972 houve uma alteração na estrutura da Universidade. E um pouco antes, eu com uma equipe de professores, como o professor Aldir⁴, o padre Jocy⁵ e outros, a gente começou a fazer um projeto de pesquisa sobre cultura popular maranhense. E foi nessa época também que foi publicado o livro de Roger Bastide, *As Religiões Africanas do Brasil*, que falava muito do Maranhão. E na mesma época eu estava me envolvendo com o Museu Histórico, onde encontrei, na biblioteca, o livro de Nunes Pereira sobre a *Casa das Minas*. E no livro de Roger Bastide encontrei referências de outros estudos feitos aqui por Ocátvio da Costa Eduardo⁶. Então, eu comecei a me interessar em procurar esses estudos, e ao mesmo tempo lendo e acompanhando coisas relacionadas a cultura popular.

Em meados dos anos 1970, eu me envolvi mais ainda com a Fundação Cultural através do dr. Domingos⁷, que passou a ser presidente da Fundação Cultural, ele tinha muito interesse na área de cultura popular, ele queria criar o Museu de Folclore, queria realizar pesquisas nesse sentido, pesquisa de documentação, coleta de materiais. Fizemos uma pequena pesquisa sobre a *dança do Lêlê*, durou cerca de 03 a 04 meses, foi interessante, foi publicado com o apoio da FUNART - Fundação Nacional de Artes, mas foi um trabalho restrito, com poucos recursos, com poucas condições de trabalho.

A gente conseguiu, através de dr. Domingos, um projeto mais amplo, no ano seguinte, para estudar o *Tambor de Crioula*, tinha equipe de professores, estudantes funcionários.

⁴ Aldir Araújo Carvalho Silva: professor aposentado da UFMA.

⁵ Padre Jocy: musicista, compositor de músicas católicas e pesquisador da cultura popular. Natural de Tutóia/Ma (fonte: Roza Santos, membro da Comissão Maranhense de Folclore - CMF)

⁶ Dr. Octávio da Costa Eduardo publicou *The Negro in Northern Brazil*, não publicado em língua portuguesa.

⁷ Dr. Domingos Vieira Filho: estudioso do universo linguístico-cultural local, foi membro da academia Maranhense de Letras.

A gente lia semanalmente materiais de pesquisa, trouxemos o professor Carlos Brandão que deu um curso sobre pesquisa de folclore. E começamos a fazer pesquisa de campo com *Tambor de Crioula*. Na época eu queria estudar *Tambor de Mina*, mas Dr. Domingos achava que era mais complicado, mas fácil era fazer um estudo sobre o *Tambor de Crioula*. Durante cerca de um ano, um ano e meio, uma equipe de vários funcionários da Fundação Cultural, frequentava e procurava se informar onde havia festa de *Tambor de Crioula* e outras manifestações.

Eu que coordenava o Departamento de Assuntos Culturais, lá trabalhava Roldão, Laudelino, Joila, Lenir⁸ e outras pessoa; e esse departamento era muito procurado por manifestações culturais de modo geral, *Tambor de Crioula*, *Bumba meu Boi*, *Festa do Divino Espírito Santo*. Líderes desses movimentos que queriam apoio, recursos da Secretaria de Cultura, então eu tinha muito contato, e a gente acompanhava o calendário que ocorria, a gente então começou assistir festas de *tambor de crioula*. Durante 01 ano a gente acompanhou alguns grupos de tambor de crioula, fez entrevistas, documentou.

Depois, eu me afastei em 1979 para fazer mestrado, passei 79 e 80 estudando mestrado, nele eu fiz um projeto falando sobre *tambor de crioula*, eu fiz para entrar no mestrado, fiz o projeto sobre tambor de crioula e cultura negra, esse trabalho foi publicado⁹. Mas, eu fiz um projeto de dissertação sobre a *Casa das Minas*, eu queria estudar a *Casa das Minas*, então, a pesquisa era sobre o *Tambor de Mina* e a *Casa das Minas*. E quando eu voltei do Mestrado eu já tinha contatos, dos anos 70, com vários terreiros, junto com essa equipe, a gente ia em muita festa, *Casa das Minas*, *Casa de Nagô* e alguns outros terreiros. E aqui em São Luís, nesse período, a *Casa das Minas* e a *Casa de Nagô* eram muito atuantes. Na década de 70, tinham muito prestígio, eram muito procuradas por estudiosos, pessoas que passavam por aqui. Então, a gente regularmente assistia as festas, acompanhava, documentava, gravava alguma coisa. Quando eu voltei do mestrado em 1981, voltei com um projeto para fazer pesquisa para a dissertação, e comecei a fazer entrevistas mais regulares com algumas pessoas da *Casa das Minas*, principalmente com dona Celeste, dona Denir e também com Euclides. Eu queria fazer

⁸ Carlos Roldão: artista plástico, já falecido; Valdelino Cécio: poeta e estudioso da cultura popular do Ma, também falecido; Joila Moraes: atual presidente da Comissão Maranhense de Folclore – CMF; Lenir Oliveira, membro da Comissão Maranhense de Folclore.

⁹ O trabalho ao qual faz referência é *Tambor de Crioula*, publicado pela primeira vez em 1986. A dissertação de Mestrado defendido na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN em 1983, intitulada, *Querenbentã de Zomadu* foi publicada em 1996 pela EDUFMA.

um estudo comparativo entre a *Casa das Minas* e a *Casa Fanti Ashanti* de Euclides, que era uma casa também que tinha muito prestígio. Havia algumas casas de prestígio aqui, a de Euclides e a de Jorge eram as mais populares, eram muito procuradas por visitantes, estrangeiros. A gente acompanhava as atividades dessas duas casas.

Em 1971, chegou em São Luís, Hubert Fichte e Leonore Mau. Ele era um escritor alemão, romancista, e Leonore era uma fotógrafa, casada com ele. Fichte tinha alguns interesses nessa área, estava de passagem por aqui, tinha alguns contatos com o Maranhão; com o Brasil, em outros Estados como Rio de Janeiro, Bahia, Manaus. Tinha tido contato com Nunes Pereira, então, ele foi visitar a *Casa das Minas*, foi muito bem recebido e, logo depois ia ter uma festa para *Averequetê*, então eles convidaram para ele ficar até a festa; ele já ia passar alguns dias, ficou para a festa. E depois ele se interessou em fazer um estudo aqui, ao invés de seguir para a Bahia, ele resolveu passar um período de 06 a 08 meses aqui no Maranhão.

Hubert Fichte e Leonore Mau tinham muita facilidade de contatos, de entrevistas com as pessoas e entrevistas não gravadas, a gente fazia um roteiro de entrevistas e conversava durante longas horas, ele fazia com que as pessoas falassem por longas horas. Então, a gente começou a entrevistar muito dona Deni, que era chefe da *Casa das Minas*, tinha dona Denir e dona Amélia. Dona Amélia era a chefe religiosa, mas, dona Denir era quem assumia os rituais, dona Amélia já era bem idosa, tinha problemas de saúde. Então, era dona Denir, Dona Amélia e dona Celeste, que era mais a administradora da casa. A gente começou tendo contato, entrevistas com as duas, e aos poucos a gente foi visitando e entrevistando outras pessoas.

O Fichte me ajudou bastante a ampliar as entrevistas, deixar as pessoas falarem mais, e anotar o que se falava. Então, a gente levava uma caderneta e depois passava a limpo num caderno, e depois lançava isso num fichário. Eu peguei um pouco disso com o Fichte, ele entrevistava as pessoas, fazia um fichário, depois ele usava isso no texto que fazia. Eu também trabalhei assim, isso durante uns sete, oito meses, até março de 1982. Depois disso, eu passei a redigir a dissertação de mestrado e defendi em 1983. Naquela época o mestrado, era 02 anos de créditos e 01 anos de dissertação. Passei 81 e 82 fazendo a dissertação, entreguei e defendi em 1983.

Voltei para a Universidade Federal do Maranhão, dando aulas na graduação e em especializações, foram criados alguns cursos de especialização em Sociologia,

trabalhando nisso e fazendo pesquisas. Mundicarmo¹⁰ tinha terminado a dissertação sobre o baião de Luiz Gonzaga, soube que haveria uma festa na casa de Euclides chamada *Baião*; ela foi lá, se interessou muito, achou muito bonita, documentou. E no projeto de pesquisa, ela resolveu se dedicar a estudar a *Casa Fanti-Ashanti*. Nessa época, Euclides queria escrever um livro, o primeiro livro que ele queria escrever sobre a casa dele. Eu e as pessoas da Secretaria de Cultura, ajudamos, revisamos o que ele escrevia, chama-se *Candomblé no Maranhão* (1987). Na introdução do livro ele dizia, falando das pessoas ligadas a casa, que eu ia ser *Ogan*¹¹ da casa dele. Quando foi publicado, dona Denir me falou: “há, você vai ser *Ogan da casa de Euclides? Então, você não pode ficar fazendo pesquisa aqui, por que você não pode servir a dois senhores, ou você fica aqui ou fica na casa de Euclides*”. Então, Mundicarmo resolveu se concentrar na Casa de Euclides, estudando sobretudo os caboclos, entidades não africanas. E eu concentrei meus estudos na *Casa das Minas*, sobretudo nas entidades africanas. Mas, ao mesmo tempo a gente ia na *Casa de Nagô*, Casa de Jorge, Casa de dona Elzita, Casa de Euclides. A gente tinha contato com muitos terreiros aqui, nesse período essas eram as casas mais famosas, mais procuradas, visitadas e faladas.

OT - O senhor está nesse campo de estudos há muitos anos. Como analisa a constituição do tambor de mina como objeto de estudos e como vê, hoje, o cenário das religiões afro-maranhenses em São Luis/Ma?

Sérgio Ferretti - Nesse período, dos anos de 1970 para cá, o panorama das religiões afro mudou muito, por que muitas pessoas foram morrendo e as estruturas das casas foram se alterando. Na *Casa das Minas*, na época, tinha umas 12 pessoas e essas pessoas foram morrendo aos poucos, em meados dos anos 80 já tinha metade. Daí para frente ela se estendeu até 2000, um pouco mais que isso, mas, sempre se reduzindo e não entrando ninguém, na *Casa de Nagô* também. E as casas de Euclides e de Jorge cresceram bastante, mas, os dois morreram. Jorge morreu no começo dos anos 2000,

¹⁰ Dra. Mundicarmo Rocha Ferretti: antropóloga, esposa de Sérgio Figueiredo Ferretti, com quem dividiu a vida, a existência e as pesquisas. Escreveu a obra *Desceu na Guma* (2000), resultado de um longo e extenso trabalho de campo na Casa Fanti Ashanti, de Pai Euclides. Sua dissertação de mestrado sobre o baião de Luiz Gonzaga foi publicado em.....

¹¹ *Ogan*: é uma função ritual, é o termo para definir os homens que tocam os tambores nos terreiros de *Candomblé*; na *Mina* essa é a função ritual dos *abatazeiros*. Na música externa ao campo do sagrado, os tocadores de tambor são chamados de percussionistas.

Euclides em 2015, há pouco tempo. Então, essas 04 casas que eram de muito prestígio, que caracterizavam outro *Tambor de Mina*, se alteraram bastante, se modificaram, mudaram lideranças. A gente tinha a ideia que o *Tambor de Mina* era uma religião de mulheres idosas, com alguns homens dirigindo casas mais novas, mas, com o predomínio de mulheres.

O *Tambor de Mina* é bem diferente do *Candomblé*, o vestuário, os rituais são bem diferentes, isso foi se modificando. Foi havendo uma interferência da *Umbanda* e do *Candomblé* no *Tambor de Mina*, mudando bastante o vestuário. Na casa de Euclides, ele separou os dois, ele incluiu o *Candomblé*, mas, separou os rituais, fazia rituais do *Candomblé* e rituais de *Tambor de Mina*. Na casa de Jorge, ele juntou um pouco as duas coisas. Ele começou a paramentar as entidades com roupas inspiradas no *Candomblé Nagô*, mas, se dizendo *Mina*, e Euclides separou os dois. Da Casa de Euclides surgiu a Casa de Venina, que é ligada também a casa de Euclides, mas, é o *Candomblé*, Venina ficou so no *Candomblé*, embora dançasse *Mina* na casa de Euclides, ficou só no *Candomblé*.

E na casa de Jorge continuam, os filhos dele continuam dançando, se dizem de *Mina*, mas, introduzem o vestuário e a paramentação do *Candomblé*, ao mesmo tempo fazem questão de dizer que são de *Mina*. E têm certas tradições da *Mina* como, por exemplo, o *culto das Tobossis*, ou *ritual das Tobossis*¹², que era um ritual importante na *Casa das Minas*, mas, desapareceu desde os anos de 1960, por que foram morrendo as que foram preparadas e não se preparou mais ninguém. Nas casas oriundas da casa de Jorge, eles recriaram a função *das Tobossis*, recriaram a iniciação, mas, muito diferente, por que as *Tobossis*, como na *Casa das Minas* que só dançavam mulheres, as *Tobossis* eram só mulheres, pessoas que recebiam *Voduns* e *Tobossis*. Ao passo que nas casas descendentes de Jorge, grande parte são homens, eles recebem *Voduns*, *Tobossis* e *Caboclos*. Então, tem alguns elementos das *Tobossis* na *Mina* da casa de Jorge e seus descendentes, eles tem elementos do *Candomblé* na paramentação, mas, se dizem de *Mina* com elemento *Jeje*, sobretudo com as *Tobossis*. Então, tem duas, três casas importantes aqui, atuais, que são dessa linha.

¹²Sérgio F. Ferretti na obra *Querenbentã de Zomadu* (1996), fruto de sua dissertação de mestrado na *Casa das Minas*, descreve longamente os rituais de *Tobossis* nessa casa. O pesquisador Daniel Halperin da Universidade Federal da Bahia – UFBA, realiza um importante estudo sobre o *ritual das Tobossis* em contexto diaspórico (1998, 2002, 2010).

Uma mudança grande é que como as casas antigas fecharam, quase todas, fechou a *Casa das Minas*, a *Casa de Nagô*, o *Justino*¹³, que você conhece bem, está fechada provisoriamente este ano, por conta da morte da chefe. Essas casas que eram de mulheres, lideradas por mulheres, dividida por mulheres, participadas por mulheres, foram se reduzindo. Hoje quase que só existe a casa de Dona Elzita com essas características, as outras, em grande parte são homens, lideradas por homens, então, com isso houve uma mudança grande nas características e na estrutura do *Tambor de Mina*, com o desaparecimento das duas casas antigas e com o fechamento provisório do *Justino*. Praticamente, nesse estilo só tem hoje a casa de Dona Elzita, e o *Tambor de Mina* do Euclides também continua, tem *Candomblé* e *Mina*, se pretende seguir esse estilo mais tradicional do *Tambor de Mina*, mas não tenho acompanhado, eu não sei como está, a casa de Euclides tem enfrentado problemas com a mudança de chefia, eu não sei como está, não tenho acompanhado.

Então, houve bastante mudanças. O que falávamos em geral do *Tambor de Mina* que era muito inspirado na *Casa das Minas* e na *Casa de Nagô* como modelo, esse modelo quase que não existe, quase que não funciona. O modelo hoje diferente, é muito influenciado pela *Umbanda* e pelo *Candomblé*, embora haja também a *Umbanda* aqui que se aproxima muito da *Mina*, mas se diz de *Umbanda*, então, algumas casas como a de Mariinha, se diz de *Umbanda*.

OT - Pode-se dizer, então, que houve ressignificações, assimilações de alguns elementos do *Tambor de Mina* pela *Umbanda* e *Candomblé*, mas a estrutura ritual como modelo no Maranhão, não se manteve, foi de algum modo, diluída nessa assimilação?

Sérgio Ferretti - Isso. As vestimentas rituais, por exemplo, eram simples, mais humildes, agora são mais luxuosas, e o renascimento das *Tobossis*. As *Tobossis* eram entidades muito importantes, exclusivas da *Casa das Minas Jeje*, baseada numa iniciação que era muito importante, que preparava as *vodunsis gonjai*. E o último ritual de *vodunsis gonjai* foi em 1914, depois disso não houve mais, as 18 que foram

¹³ Terreiro de São Benedito/Justino: terreiro fundado por Maria Cristina, que era filha de santo da *Casa de Nagô*, se estrutura no modelo das casas matriarcais fundadas no século XIX. É um dos únicos terreiros de mina desse período ainda com um vasto calendário anual de festas. Estará de luto até de março de 2018, quando retoma seu calendário de festas e rituais (Abreu, M. 2018),

preparadas, e as 10 ou 12 preparadas anteriormente, foram morrendo, nos anos 70 não existia mais nenhuma. Então, esse ritual que tinha muito prestígio, que se falava muito, foi desaparecendo, mas ficou na memória das pessoas, foi sendo recriado, ressignificado. Hoje em dia, dizem que tem *Tobossis* nos terreiros, mas, bastante diferente do que era. Algumas casas são um pouco diferente desse estilo, como a de Itaporandi e de Joãozinho da Vila Nova, são terreiros grandes e tem tradição da *Mina*, tem elementos do *Candomblé*, mas, menos importantes, menos visíveis. É mais *Mina*. Itaporandi tem elementos da *Umbanda*, *Candomblé*, mas, ele se diz *Mina*. É como Mariinha que é um terreiro de *Umbanda*, que se diz de *Umbanda*, só de *Umbanda*, mas tem vários elementos do *Tambor de Mina*, como entidades, a dança, a vestimenta, é parecida com *Tambor de Mina*.

A *Mina* tradicional vai desaparecendo, ela fica como uma marca, mas não é tão separado como era antigamente. Quando haviam as duas casas mais tradicionais e as outras que demarcavam muito, o *Tambor de Mina* tinha determinadas características, hoje se misturou com a *Umbanda* e o *Candomblé*. E como acontece um pouco com o *Terecô*, que também está se misturando com a *Umbanda* e o *Candomblé*.

OT - Mas, será que essas práticas religiosas não estiveram sempre juntas e a constituição do campo dos estudos, o ativismo vai separando, classificando?

Sérgio Ferretti - Eram simultâneas, eu tenho a impressão de que como havia menos contato, menos documentação, menos informação, eles não conheciam bem, eram coisas isoladas que se tinha notícias. Por exemplo, nos anos de 1950 a *Revista Cruzeiro*, que teve muito prestígio, divulgava muito material sobre o *Candomblé* na Bahia, fotos de Pierre Verger, que trabalhou uns dez anos na *Revista Cruzeiro*, ele e outros fotógrafos. O *Candomblé* era conhecido pelas fotos da *Revista Cruzeiro*. Mas, é muito diferente a visão que aparecia na revista e que hoje aparece na televisão e na mídia. Há uma interpenetração muito maior, as pessoas tinham uma notícia do *Candomblé*, mas, a influência era menor.

Então, nos de 1970 e 1980, a gente podia dizer que o *Tambor de Mina* tem uma determinada estrutura, baseada nesse modelo da *Casa das Minas* e da *Casa de Nagô* e algumas outras. Hoje em dia, essa estrutura se modificou bastante por influência do *Candomblé* e da *Umbanda*, o que está acontecendo com o *Terecô* também, a

paramentação que é muito importante em algumas casas. Na *Mina* eram bem simples as roupas, as pessoas, eram mais pobres. Então, a presença do luxo, isso, quando Francelino, que foi um pai de santo importante em São Paulo, que era da *Umbanda*, do Pará, ele veio aqui fazer novos rituais na casa de Jorge; na saída dele, ele já paramentou o encantado com roupas similares a do *Candomblé*. Ele falou, por escrito, que as pessoas da religião eram muito pobres, mas, davam o melhor que podiam e como elas estavam ficando menos pobres, esse melhor acabou se modificando, eles estavam enriquecendo a religião; a religião estava se transformando com o luxo. O luxo não era uma coisa qualquer, por que durante muitos anos, elas foram muito pobres, escravas, descendentes de escravos, e não tinham condições de mostrar esse luxo. Agora estavam tendo condições e mostravam.

Como o *Candomblé* puxava muito para isso, roupas caras, paramentação vistosas, e ao mesmo tempo a televisão mostrou muito isso nas escolas de samba, roupas vistosas. Isso tudo influenciou, você vai hoje numa festa na Casa de Joãozinho, Itaporandi, as roupas são luxuosas, e as pessoas fazem questão de mostrar. E as casas próximas da *Umbanda*, os descendentes da casa de Jorge, mais ainda. Então, a simplicidade que havia no *Tambor de Mina*, alguns terreiros eram de chão de terra, isso foi desaparecendo. E a *Casa das Minas* e a *Casa de Nagô* estão praticamente fechadas, ficam quase como uma mostra, museus.

Agora, as festas do catolicismo popular também sempre foram muito importantes, e continuam muito importantes nos terreiros. Alguns não aceitam, colocam o sincretismo como imposição. Mas, a *Festa do Divino* era uma festa muito importante nos terreiros, e até hoje continua uma festa importante. Tanto que na *Casa das Minas* é uma das poucas festas que se continua, a *Casa de Nagô* também continua a organizar a *Festa do Divino*; outros terreiros, muitos terreiros, organizam essas festas, há uma centena de *festa do Divino* em terreiros anualmente. De fato, isso levou a uma aproximação do *Tambor de Mina* e do *Catolicismo Popular*, essa aproximação é muito criticada pelo *Movimento Negro*. No *Candomblé Tradicional*, *Candomblé Queto*, eles separam muito isso, mas, ao mesmo tempo, estão presentes também outras festas da Cultura Popular como *Tambor de Crioula*, *Bumba Boi*, e outras.